



Entimema e textualização*

Denis Bertrand – Université de Paris VII

Tradução: Dilson Ferreira da Cruz Jr.

Resumo

A questão central deste artigo refere-se às relações existentes entre o conceito retórico de entimema e o conceito semiótico de textualização. Este pode ser aproximado do entimema e mesmo considerado uma definição desse fenômeno discursivo, central na retórica aristotélica? Em que as proposições atuais da “retórica tensiva” podem sugerir uma resposta?

O estatuto do entimema na história da retórica — situado entre a abordagem argumentativa do conceito realizada por Aristóteles e o enfoque da lógica de Port Royal — leva à articulação entre o parâmetro lógico (a categorização implícita que é projetada) e o parâmetro pragmático, que delega o implícito ao enunciatário e solicita sua participação na interpretação. Torna-se possível, então, estabelecer uma aproximação com a *textualização* semiótica: sua definição, o espaço de enunciação liberado, seus limites como operação discursiva do agenciamento e da assunção dos dados elípticos e previsíveis do discurso. Somos, desse modo, levados a refletir sobre o aporte da retórica tensiva para a abordagem semiótica da textualização, e a enfatizar especialmente os modos de co-presença das significações na assunção do sentido pelo sujeito interpretativo. Essa análise nos convida a isolar a componente tímica que se encontra no coração do entimema (a en-tímia) e a visar à passagem do entimema em um sentido estrito (estrutura cognitiva da argumentação) para o entimema em uma acepção abrangente (integrante de direito da componente tímica da assunção e da dimensão passional do discurso).

Seu desenvolvimento na direção dos discursos figurativos permitirá, enfim, propor a noção de “entimema figurativo”, cuja problemática será discutida e explorada por meio da teoria da leitura de Proust, a qual é compreendida como um ato de textualização que se funda sobre uma série de categorias que são correlacionadas a partir do material–imagem: correlação entre o perceptivo e o discursivo, entre o crer cognitivo e a incorporação do sensível na emoção, entre a criação textual e a leitura.

A renovação do pensamento semiótico acerca da retórica está menos relacionada à reparação de uma falta — por que a semiótica preteriu o edifício retórico ao longo de seu desenvolvimento? — que a uma evolução das orientações de sua pesquisa.

* Publicado, inicialmente, na revista *Langages*, 34e année, n°137, 2000. Sémiotique du discours et tensions rhétoriques. Disponível para acesso em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/lgge_0458-726x_2000_num_34_137

Voltada agora para apreensão do discurso em ato, a semiótica esforça-se para descrever, na base de seus fundamentos teóricos, a construção do sentido de um modo mais próximo da enunciação viva. Em tal perspectiva, a semiótica não podia deixar de interrogar novamente a retórica, enfocando-a, evidentemente, como um todo; isto é, rejeitando toda a divisão histórica entre retórica da argumentação e retórica dos tropos para tentar restabelecer a reflexão sobre a base comum em que originariamente ambas foram fundadas. No centro dessa nova abordagem, as hipóteses analíticas da “retórica tensiva” foram avaliadas essencialmente em um reexame tropológico. Diferentemente de uma abordagem substitutiva da figura, em que um conteúdo “figurado” substitui um conteúdo “próprio”, a retórica tensiva retoma as análises de Ricoeur¹ e de Prandi² e postula, na manifestação da figura, uma co-presença, tensa e concorrencial, de vários modos de existência da significação correlacionados uns aos outros em razão da convocação feita pelo enunciado. Um dos desafios de tal competição semântica é a articulação das relações entre as vertentes sensível, inteligível, passional e interpretativa da significação tropológica. Ora, pode-se considerar que essa hipótese tem um alcance global e diz respeito à dimensão discursiva geral da retórica e não apenas às figuras tomadas de forma isolada.

Exercício do fazer persuasivo, tradicionalmente a retórica é, por excelência, “o lugar de encontro do homem e do discurso”, segundo a fórmula de Meyer. Em sua rica introdução à *Retórica* de Aristóteles³, o autor se propõe a defini-la a partir de uma dupla polaridade: de um lado, ela trata “da problemática no discurso”⁴, ocupa-se do que é provável, incerto, contestável, do que poderia ser diferente ou mesmo não ser; assim, determina o espaço da palavra frágil e a realidade de outras formas de discursividade que não as do apodíctico (o necessário, o intangível da lógica). De outro, a retórica surge como “a negociação da distância entre os sujeitos”, e chama necessariamente a atenção para as instâncias de enunciação e, mais além, marca sua implicação sensível nos atos de fala (nos quais se podem inferir, a partir de um enunciado descritivo, efeitos pragmáticos e passionais, tais como ameaça/benevolência, inveja/generosidade, etc.). Nesse sentido, a retórica “modaliza, escreve Meyer, o questionamento do outro, questionamento que revela uma ou outra paixão”⁵. No coração da retórica instala-se, portanto, ao mesmo tempo, de um lado, pela ausência (o elíptico, o oculto, o incerto), o espaço do sentido, e, de outro, o engajamento, a inscrição do sujeito — instância de enunciação sensibilizada — que vem, interpretativa e passionalmente, “preencher” esse espaço (segundo a figura correntemente utilizada por Proust). Como se articulam essas duas dimensões, a vacância de uma significação imperfeita e a ocupação desse espaço pelo sujeito? Essa interrogação está no centro de nosso estudo e será desenvolvida em três momentos: inicialmente, evocaremos a figura do entimema, essencial na retórica clássica, uma vez que define um modo de raciocínio específico e recobre precisamente a dupla polaridade definicional; em seguida, aproximaremos a concepção semiótica da textualização da concepção retórica do entimema para focar as interferências e as oposições entre os domínios abertos por esses conceitos; enfim, considerando a leitura como um ato de textualização, nos esforçaremos para mostrar como a dupla dimensão da

¹ RICOEUR, Paul. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.

² PRANDI, Michele. *Grammaire philosophique des tropes*, Paris: Minuit, 1992.

³ MEYER, Michel. “Aristote e les principes de la rhétorique contemporaine”. IN: ARISTOTE. *La rhétorique*. Paris : Le livre de poche, 1991, p. 5-70.

⁴ *Ibid.*, p. 38

⁵ *Ibid.*, p. 52

leitura, segundo Proust, simultaneamente interpretativa e emocional, constitui uma variedade de entimema, “o entimema figurativo”. Essa hipótese de trabalho será examinada mediante a análise de um trecho de *Combray*.

Entimema e sensibilização do espaço interpretativo

Na perspectiva de Aristóteles, o entimema está para a retórica assim como o silogismo para a dialética. Ele constitui um “corpo de prova” (I, III, p.76)⁶; pode ter a dimensão de uma simples seqüência, mas também pode estruturar um discurso em sua totalidade. O entimema está associado, como se sabe, a outro procedimento central, o exemplo. Não se objetiva à distinção desses dois procedimentos, um dedutivo, o outro indutivo, mas se levará em conta somente esta afirmação: “Todas as pessoas demonstram uma asserção avançando seja por meio de exemplos seja por entimemas, nada há além disso” (II, VIII, p.85). Os “lugares do entimema”, cerca de trinta, sem contar os “entimemas aparentes”, apresentam-se como uma vasta tipologia de operações capazes de validar a eficácia da inferência retórica. Eles são formados por redes de relações binárias por meio das quais se deduz uma conclusão de muitos efeitos: ela é obtida por meio dos contrários, da similitude, das relações causais, das quantidades relativas em mais ou menos ou em nem mais nem menos; por meio das compatibilidades, das contradições, etc. Em todos os casos, o caráter verdadeiro da conclusão é originário de uma correlação entre os termos de uma categoria. A categorização é, portanto, a operação primeira, subjacente ao desenvolvimento dos argumentos. É ela que comanda a previsibilidade do sentido e sua orientação. Assim, “entre os entimemas [...], aqueles que produzem mais efeito são aqueles em que a conclusão se deixa prever desde as primeiras palavras” (II, XXIII, p. 283). A manifestação de um termo da categoria acarreta com ela a potencialidade de outro, o qual não tem de ser necessariamente manifestado para fazer valer sua eficácia argumentativa.

Esse é o fenômeno que foi considerado na definição tradicional do entimema. Pode-se compreendê-lo como o espaço deixado vago no discurso, como uma vacuidade que a interpretação vem preencher. É aí que se fixa a assunção e a adesão do destinatário. Esta vacuidade não está na base da *Retórica* aristotélica, mas ela é um de seus elementos constitutivos e define precisamente a inferência-tipo da retórica: inferência aberta, que se funda em premissas verdadeiras e oferece apenas uma conclusão provável, em oposição ao silogismo, que impõe o absoluto da prova como inferência coercitiva da lógica. Referimo-nos, portanto, a esta acepção do entimema que se tornou clássica: um silogismo incompleto e aproximativo, aquele no qual faltam certos elementos constitutivos do “raciocínio completo” (a premissa maior ou as duas premissas ou a conclusão). Se o enunciador faz economia de um elemento, não é por deficiência nem em razão de uma degradação do raciocínio, mas por que convoca e referencializa um saber supostamente adquirido, um lugar comum, uma evidência que depende do sentido partilhado; enfim, um “produto do uso”, que instala o caráter verossímil, provável, mas também relativo, contestável e discutível da conclusão. Assim, por exemplo, em uma das cartas a seu amante francês que a abandonara, a religiosa portuguesa escreve: “Sou mais feliz que vós, pois sou mais ocupada”⁷. Ela procede como se “a ocupação” tivesse, de maneira evidente, valor de prova, o que implica a premissa ausente, pequena teoria da felicidade: “Toda pessoa feliz é uma pessoa ocupada” e premissa menor: “Ora, sou mais

⁶ Nossas referências ao texto de Aristóteles remetem à edição de Meyer (*op. Cit.*).

⁷ *Lettres de la religieuse portugaise*. Paris: Le livre de poche, 1979. (Quatrième lettre).

ocupada que vós”, conclusão: “logo, etc.” Evidentemente, o discurso comum é tecido por entimemas.

Foi o traço de incompletude que chamou a atenção de Arnaud e Nicole na *Lógica* de Port-Royal, onde essa figura tem um estatuto bem diferente do que lhe atribui Aristóteles: ela era absolutamente determinante na obra do filósofo, que ampliava seus lineamentos e as baterias de exercícios por meio da multiplicidade dos lugares. Em contrapartida, ela é restrita e marginal em Port Royal, onde é objeto de apenas algumas poucas menções. O entimema vem, então, com o propósito de marcar a diferença, característica do espírito clássico, entre a plenitude do pensamento e a imperfeição da linguagem que o exprime. Ele é definido como “um silogismo perfeito no espírito, mas imperfeito na expressão, uma vez que dele se suprime uma das preposições por esta ser muito evidente ou muito conhecida e facilmente suprida pela mente daqueles a quem se fala”⁸. O entimema é perfeito na mente por que esta integra a proposição que não foi expressa, mas é imperfeito na expressão por que a conclusão não é válida a não ser em virtude da proposição subentendida. Ele constitui uma forma de argumentação “tão comum no discurso e nos textos escritos, que, ao contrário, é raro que todas as proposições sejam expressas, pois é do senso comum que estas são suficientemente claras para serem supostas”⁹. É, portanto, o movimento de suprimento dessa falta que está no centro do entimema e que nos convida a questionar as condições de instalação de um percurso significativo oculto pela manifestação.

Neste ponto, as duas dimensões em jogo no entimema podem reter nossa atenção um instante: a primeira refere-se à estruturação da figura por meio da multiplicação específica dos lugares de entimema em Aristóteles, a qual está relacionada às atuais pesquisas semióticas sobre a tensividade. A segunda refere-se à sensibilização do ato enunciativo, ponto comum das abordagens de Aristóteles e de Port Royal.

Supondo que se possa reduzir a vasta tipologia empírica dos lugares de entimemas a algumas operações fundamentais, sua estruturação faz surgir suas similitudes com a teoria da valência no processo da categorização semiótica¹⁰. Os critérios de definição da valência — estruturação binária, contrastes tensivos entre intensidade e extensidade, variações em razão direta ou inversa uma da outra, correlação de gradientes, variações de andamento (conforme a condensação do entimema) — nos convidam para uma discussão relativa à convergência entre a teoria das valências e a das variedades de entimemas. Um postulado comum as aproxima: a apreensão da complexidade da significação, simultaneamente emergente e contínua, a partir de um mecanismo de correlação recíproca. Poderíamos, assim, nos interrogar sobre o jogo dessas correlações, opositivas ou não, o qual define a funcionalidade das valências. No quadro semiótico atual, esse modelo é concebido para dar conta do nível constitutivo dos meta-termos da estrutura elementar que antecede às categorizações discretas da análise sêmica, de maneira a gerar o valor semântico (no sentido saussuriano do termo “valor”). Ora, uma extrapolação discursiva do modelo, no tocante à dimensão pragmática e persuasiva do discurso, poderia ser considerada com o objetivo de analisar a estrutura do entimema; isso, porém, está além do escopo de nosso estudo, mais centrado na segunda dimensão evocada no parágrafo anterior.

⁸ ARNAUD, Antoine & NICOLE, Pierre. *La logique ou l'art de penser*, III, XIV. Paris: Vrin, 1981, p. 226.

⁹ *Ibid*, p. 22-6

¹⁰ Remetemos aqui aos trabalhos de FONTANILLE & ZILBERBERG, publicados em *Tension et signification*. Liège: Mardaga, 1998, especialmente ao capítulo “Valencia”, p. 11-27

O entimema é uma estratégia de discurso diretamente centrada no destinatário (o público, o ouvinte, o leitor, cuja participação é solicitada) e que consiste em convidar o enunciatário a realizar uma construção interpretativa do sentido: cabe a ele preencher o espaço vago no discurso realizado. O enunciatário do entimema expulsa aquilo que representa uma dificuldade considerando-o resolvido de antemão, sendo o enunciatário o operador participativo dessa resolução. O ponto é essencial tanto no texto de Aristóteles quanto na *Lógica* de Port Royal: para o primeiro, “se qualquer um (dos) termos (que constituem o silogismo) é conhecido, então, não é preciso enunciá-lo; o próprio ouvinte o supre” (I, II, § 8,13). Ora, essa participação do enunciatário na reconstrução do “todo de significação” não é somente cognitiva; é igualmente sensível, passional e estética: “Ao refutar um argumento, o entimema dá, de forma condensada, uma coleção de argumentos contraditórios, e [...] as associações que daí resultam são mais *sensíveis* para o ouvinte”. Dentre elas, as que “produzem mais efeito [são aquelas cuja] conclusão se deixa prever desde as primeiras palavras [...], pois *o ouvinte fica contente consigo mesmo quando presente o que virá*” (II, XXX, p. 282-3; grifo nosso); ou ainda, “os discursos nos quais o entimema predomina impressionam mais o ouvinte” (I, III, p.86). Do mesmo modo, na *Lógica* de Port Royal, a propósito do “entimema muito elegante” de Ovídio, “Pode conservar-te, poderia, portanto, perder-te?”, os autores explicam que sua demonstração silogística (o que se pode conservar pode-se perder; ora, eu pude conservar-te; logo poderia perder-te) tiraria toda sua graça. “A razão, prosseguem os autores, está no fato de que como uma das principais belezas do discurso é estar cheio de sentido e dar oportunidade à mente para formar um pensamento mais extenso que o expresso, um de seus maiores defeitos é, ao contrário, ser vazio de sentido e encerrar poucos pensamentos, o que é quase inevitável nos silogismos filosóficos¹¹.”

Como registrava Barthes em seu estudo sobre “A antiga retórica”, há prazer no entimema. O autor associa o enunciatário ao discurso e o torna responsável por ele, propondo-lhe, por um encaminhamento semântico contínuo, a alegria da participação na produção do sentido: parte-se de um ponto que não precisa ser demonstrado, nem mesmo enunciado, e caminha-se em direção a outro, que precisa sê-lo; entre ambos desenha-se um espaço a ser preenchido. “Descobre-se o novo por uma espécie de contaminação natural, de capilaridade que faz o conhecido propagar-se em direção ao desconhecido”¹². O silogismo truncado propicia ao ouvinte o prazer de realizar ele próprio o essencial na construção do argumento, de assumir o termo co-fundador da categoria, permitindo-lhe, assim, realizar, ao fazê-lo seu, o percurso como um todo. Pode-se dizer prazer *ou* desprazer, pois o entimema diversa ou contraditoriamente reconstituído é origem de conflitos na comunicação. Essa convocação do “bem entendido” pode, assim, ser considerada um dos grandes motores do mal-entendido. Pode-se dominar o que se projeta no espaço elíptico do entimema?

Mas não importa, esse sentido convocado pela ausência de sentido apresenta dois aspectos complementares que permitem especificar sua configuração. De um lado, ela dá acesso à dimensão problemática e interrogativa contida em toda asserção, seja ao sugerir sua parte complementar seja ao instalar uma tensão entre os vários conteúdos co-ocorrentes ou concorrenciais. Nesse aspecto, ela se situa no coração da retórica. No entanto, por outro lado, essa configuração dá acesso ao sujeito do discurso, a quem ela entrega esse espaço e por isso instaura uma relação estreita entre o inteligível e o sensível na interpretação. Se nos apoiarmos na dimensão cognitiva do inteligível, podemos dizer que esse é o lugar epistêmico

¹¹ *Logique*, III, XIV, op. cit. p. 226-227.

¹² *L'aventure sémiologique*. Paris: Seuil, “Points”, p. 132.

da alternativa, do possível e do incerto, precisamente porque não é manifestado, é o lugar que, paradoxalmente, constitui o espaço de uma assunção intensificada e de uma sensibilização do discurso. O entimema torna-se o lugar do encontro e do conflito das enunciações, da crença partilhável, partilhada ou não. A alternativa proposta por ele é, assim, uma fonte potencial de debate, de contestação, mas também de abertura para o imaginário. É o lugar do enigmático, do discurso que solicita e motiva a interpretação, mas também o que, na leitura de obras literárias, por exemplo, surpreende, captura e cativa o leitor.

Dessa maneira, o entimema apresenta-se como um objeto central tanto para a retórica quanto para a semiótica discursiva. De um lado, ele oferece uma estruturação formal (ou formalizável em termos da retórica tensiva, por exemplo) a partir da categorização que coloca em jogo; de outro, cria essa zona de contato entre sujeito e discurso, liberando um espaço no qual o enunciatário é convidado a fazer seu o sentido e a incorporá-lo, associando o cognitivo da inferência ao proprioceptivo da assimilação sensível. É, portanto, dessa maneira, um lugar patêmico que, ativando aquilo que desestabiliza, agita, emociona o destinatário, considerando sua disposição, seu estado mental ou de alma. Ele é sensibilizado em função do “estilo semiótico” que é o seu, da disposição de base que orienta sua apreensão. O entimema é, fundamentalmente, a solicitação do humor. Coloca-se, assim, o acento na componente tímica que está no centro etimológico do entimema: a en-timia.

Entimema e textualização

Neste momento é possível aproximar as inferências retóricas dos entimemas do conceito semiótico de textualização. Este último designa senão o mesmo fenômeno, ao menos um conjunto de fenômenos comparáveis. Na semiótica greimasiana, a textualização está estritamente ligada ao dispositivo geral da teoria: ela tem pontos em comum com a concepção generativa da significação (uma vez que pode, na estratificação generativa, surgir em cada um de seus níveis), ela exprime particularmente a relação entre as estruturas narrativas e discursivas (uma vez que indica a não concordância); ela implica, enfim, a enunciação (uma vez que é o lugar privilegiado das estratégias enunciativas). Iremos nos deter nessa última dimensão.

Greimas e Courtés definem a textualização como “a constituição do contínuo discursivo”¹³, a qual se realiza nessa ou naquela semiótica, verbal ou não. Em *Sémiotique en jeu*, Greimas explica que essa “disposição dos dados discursivos”¹⁴ é ditada pelas coerções da manifestação: a linearidade, no discurso verbal; a dimensionalidade, no discurso visual; etc. Na base do conceito de textualização, essas coerções implicam a correlação entre a manifestação enunciativa do sentido e sua ocultação parcial ou temporária. De fato, a textualização consiste em gerir a programação ao jogar especialmente com a elasticidade do discurso. Podem-se depreender três características principais: inicialmente, a discordância entre textualização e estruturas subjacentes libera um espaço de sentido. É o exemplo bem conhecido da concomitância de dois programas narrativos (do sujeito e do anti-sujeito, por exemplo), a qual exige tanto a sucessão de um pelo outro quanto a ocultação do primeiro para que o segundo apareça, implicando, assim, as problemáticas, inerentes à discursivização, do ponto de vista e da perspectiva. Em segundo lugar, o espaço de sentido assim liberado oferece

¹³ In *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris : Hachette, 1979, verbete “textualização”.

¹⁴ ARRIVÉ & COQUET. *Sémiotique en jeu A partir et autour de l'œuvre de A.J. Greimas*. Paris / Amsterdam: Hadès Benjamins, 1987, p. 326.

ao enunciador uma “margem estratégica” por meio da disposição dos conteúdos que podem ser manifestados ou ocultados. Na manifestação dos enunciados, ele estabelece as hierarquias, as precedências, as suspensões, as condensações, as expansões que dirigem a leitura. Correlativamente, enfim, do lado do enunciatário, manifestação e ocultação criam “uma espécie de convite para o não-dito do texto”. Ora, aqui está, para nós, o ponto essencial, “do qual nasce a possibilidade de diferentes interpretações”¹⁵.

O campo da textualização é articulado em semiótica por um conjunto de conceitos operatórios: a elipse, o implícito, a pressuposição e, mais especificamente, a catálise, isto é, a explicitação dos elementos ausentes na estrutura de superfície, mas implicados por ela (por exemplo, a interpolação de uma causa a partir de uma consequência). Esses conceitos descrevem as operações de construção do sentido quando da textualização, e estabelecem a proximidade entre os materiais retóricos e semióticos, de modo que as aproximações diretas ou indiretas com o entimema sejam manifestas. Elas podem ser diretas: é o caso, bem conhecido em semiótica narrativa, da permutação do eixo das sucessões pelo eixo das pressuposições no esquema narrativo: *Port ergo propter hoc*. Esse fenômeno constitui para retórica um dos lugares clássicos de entimema: “apresentar como causa o que não é causa” em virtude da simples contigüidade na sucessão. As aproximações também podem ser indiretas, e dizer respeito mais amplamente ao espaço semântico deixado vago entre as proposições. Em sua análise do conto de Maupassant, *Dois amigos*, Greimas esforça-se para resolver o problema da falta de ligação tópica entre as três frases da primeira seqüência: “Paris estava cercada, faminta, agonizante. Os pardais nos telhados faziam-se muito raros e os esgotos despovoavam-se. Comia-se qualquer coisa”. Ao deparar com o problema da descontinuidade radical entre os conteúdos enunciados, a análise semântica deve explicitar as lacunas que permitem o contínuo interpretativo. O estabelecimento da isotopia discursiva supõe, de um lado, uma operação sintática de catálise (o preenchimento espontâneo dos vazios pelo leitor) e, de outro, a explicitação das categorizações semânticas que a autorizam (como, por exemplo, englobante: *Paris* / englobado: *telhados e esgotos*). A operação implica conseqüentemente o desnudamento de uma “distância retórica” na reconstrução do sentido: distância em que se encontra convocado o saber partilhado pressuposto (segundo o qual Paris tem telhados e esgotos). Essa categoria englobante/englobado faz parte dos lugares de entimema. Atestando essa proximidade, a confrontação entre os operadores do entimema e os da textualização manifesta, portanto, uma convergência surpreendente: a inferência está para o entimema retórico assim como a catálise, com as operações implicadas por ela, de categorização, regência e referencialização, está para a textualização semiótica.

Exatamente como o entimema, a textualização pode dizer respeito a diferentes grandezas. A catálise, inicialmente restrita às relações sintáticas, viu seu campo de aplicação ampliar-se no âmbito da semiótica discursiva: ela se especializou na gestão das seqüências narrativas e notadamente no vazio a ser preenchido, o qual separa as estruturas sêmio-narrativas da manifestação discursiva que parcialmente as elide. Entretanto, ela também se aplica mais largamente à explicitação das “brechas” do discurso, uma vez que faz aparecer o jogo das coexistências semânticas, de suas hierarquizações, da variação de seus modos de existência (virtuais, potenciais, ou atualizados), de suas presenças concorrenciais e conflituosas. Ela diz respeito, portanto, às grandezas de dimensões variáveis, tanto locais e topológicas quanto globais e textuais. Nos dois casos, de igual modo, a parte que cabe à

¹⁵ *Ibid*, p. 326

enunciação em ato é central: a eficácia persuasiva e a adesão são fundadas no espaço de acolhimento e de participação oferecidos ao enunciatário. Pode-se pensar no exemplo da ironia, em que a textualização oculta o inverso do que é enunciado (dado a entender), e inscreve tão fortemente o lugar do enunciatário no vazio não enunciado do discurso, que este é literalmente constrangido à assunção e à adesão. De maneira geral, a textualização surge nesse momento como a interface entre a produção e a apreensão do discurso. Entretanto, na concepção semiótica clássica, ela se refere unicamente ao fazer interpretativo focado apenas em sua dimensão cognitiva, diferentemente do entimema da retórica que, como vimos quando evidenciamos sua componente “tímica”, introduz a dimensão sensível e emocional nesse fazer. A textualização permanece no espaço neutralizado de um sujeito do saber¹⁶.

É precisamente em torno dessa dimensão tímica que podemos associar mais estreitamente essas duas abordagens. E é em um caso particular de entimema (ou um aspecto particular da textualização), o qual integra precisamente essa dimensão de maneira capital, que gostaríamos de nos deter: propomos denominá-lo “entimema figurativo”. Ele possui atributos em comum com a noção geral do conceito (correlação de termos categoriais, estrutura produtora de implicação, engajamento do sujeito cognitivo e patêmico no espaço que lhe é oferecido) e possui propriedades de construção que lhe são específicas: modo de presença sensível na textualização pelo veículo da figuratividade (“a imagem”). A teoria da leitura de Proust representa, de maneira absolutamente notável, tal configuração.

Entimema figurativo e teoria da leitura

O trecho citado a seguir, pertencente a *Combray*, parece ocupar uma posição de destaque entre os muitos que Proust dedicou à leitura, especialmente no *Jean Santeuil*, no “Jornéss de lecture”, no *Mélanges* ou mesmo nas demais páginas *Combray*. Poder-se-ia considerar os demais como desdobramentos e ilustrações de um ou outro ponto que aí se encontra enunciado de maneira quase teórica e particularmente densa.

Depois dessa crença central que durante minha leitura executava incessantes movimentos do interior para o exterior, rumo à descoberta da verdade, vinham as emoções propiciadas pela ação da qual eu participava, pois aquelas tardes eram mais plenas de acontecimentos dramáticos que, muitas vezes, uma vida inteira. Eram os acontecimentos que sobrevinham no livro que eu lia. É verdade, como dizia Françoise, as personagens envolvidas não eram “reais”, mas todos os sentimentos que a alegria ou o infortúnio de um ser real nos fazem experimentar só se produzem em nós por intermédio de uma imagem dessa alegria ou desse infortúnio. A engenhosidade do primeiro romancista consistiu em compreender que sendo a imagem o único elemento essencial no aparelho de nossas emoções; a simplificação que consistiria em suprimir pura e simplesmente os personagens reais seria um aperfeiçoamento decisivo. Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele, percebemo-lo, em grande parte, por meio de nossos sentidos, isto é,

¹⁶ A confrontação dos dois conceitos deve, naturalmente, ser mais amplamente relacionada aos postulados e aos planos de pertinência das teorias: o entimema é um conceito retórico e pragmático fundado nas condições de eficácia intersubjetiva; a textualização é um conceito lingüístico e semiótico fundado nas potencialidades do objeto textual.

ele continua opaco para nós e representa um peso morto que nossa sensibilidade não pode animar. Se uma infelicidade o atinge, esta só nos pode comover numa pequena parte da noção total que temos dele; e mais ainda: em apenas uma pequena parte da noção total que ele tem de si mesmo é que sua própria desgraça o poderá comover. O achado do romancista consistiu em ter tido a idéia de substituir essas partes impenetráveis à alma por uma quantidade igual de partes imateriais, isto é, que nossa alma pode assimilar. A partir desse momento, qual a importância de as ações e emoções desses indivíduos de uma nova espécie se nos aparecerem como verdadeiras, visto que as fizemos nossas, pois é em nós que elas se realizam e são elas que, enquanto viramos febrilmente as páginas, mantêm sob seu domínio a velocidade de nossa respiração e a intensidade de nosso olhar? E uma vez que o romancista nos colocou nesse estado — no qual, como ocorre em todos os estados puramente interiores, cada emoção é decuplicada, e no qual seu livro nos agita como num sonho, mas um sonho mais claro que os que temos quando dormimos e cuja lembrança perdura por mais tempo — eis que, então, ele desencadeia em nós, durante uma hora, todas as alegrias e todas as infelicidades possíveis, algumas das quais levaríamos anos para conhecer na vida, e outras, as mais intensas dentre elas, jamais nos seriam reveladas, pois a lentidão com que se produzem nos veda a percepção (assim nosso coração muda ao longo da vida, e é a pior dor; mas não a conhecemos a não ser na leitura, em imaginação; na realidade, o coração se transforma do mesmo modo como se produzem certos fenômenos da natureza, isto é, muito lentamente para que possamos constatar sucessivamente cada um desses estados diferentes; em troca, somos poupados da própria sensação da mudança)¹⁷.

Esse texto é centrado essencialmente nas condições que determinam o peso da emoção na leitura e, conseqüentemente, no desdobramento das significações e dos valores convocados para seu exercício. Pode-se constatar que, no seu conjunto, ele se estabelece sobre duas séries de correlações e seus entrelaçamentos: inicialmente, correlação entre a significação sensível da experiência perceptiva e a significação igualmente sensível da experiência discursiva realizada por meio da leitura (que engendra séries binárias de sub-correlações: interior/exterior; personagem real/personagem de romance; verdade sensível referencial/verdade sensível da leitura; ilusão romanesca/ilusão onírica, tempo e andamento da realidade/tempo e andamento romanesco, etc.). Correlação, em seguida, entre uma teoria da criação romanesca (“a engenhosidade do primeiro romancista”) e uma teoria da leitura, ambas definidas pelo papel central das “imagens”, esses simulacros “imateriais” que constituem tanto os materiais de representação sensível quanto as operações praticadas por meio desses materiais (operações de seleção e de construção, condições de participação, etc.) que, nos dois casos, são estruturalmente isomorfos. Correlação, enfim, entre dois universos de crença e de verdade, a crença na busca da verdade que é o próprio objeto de *A Procura do tempo perdido*, e o da verdade que nos faz experimentar no próprio corpo, no ato de leitura, o movimento irrepreensível das emoções e da incorporação do sensível (“a velocidade de nossa respiração”, “a intensidade do nosso olhar”).

¹⁷ PROUST, Marcel. *À la recherche du temps perdu. Combray*. Paris : Gallimard, col. “La pleiade” T. I p. 84-6 (Ed. P. Clarac).

O entrelaçamento contínuo das correlações e de seus termos determina uma segmentação espiralar do texto, a qual ciclicamente retorna aos conteúdos para ativá-los cada vez de uma nova maneira, retirando, ao mesmo tempo, de cada um desses conteúdos o caráter eventualmente regente que nele poderia ter sido encontrado de maneira pontual. Entretanto, é possível reconhecer, o que justifica nossa opção pelo trecho citado, os elementos de obstrução da passagem quando da correlação de duas temporalidades, a da tarde de leitura e a da vida, enunciadas no começo e no fim do parágrafo, “aquelas tardes eram mais plenas de acontecimentos dramáticos do que, muitas vezes, uma vida inteira”, e, antes do último parêntese explicativo, “eis que então ele [o livro] desencadeia em nós, durante uma hora, todas as alegrias e todas as infelicidades possíveis, algumas das quais levaríamos anos para conhecer na vida...”. Pode-se considerar que o texto, entre esses dois limites, é a expansão do processo de “preenchimento”.

Vida e leitura, percepção e discurso: o topos central do texto sugere uma passagem possível entre a fenomenologia e a semiótica do discurso tal como os semioticistas hoje tentam articular partindo da manifestação do discurso para alcançar a experiência sensível que a funda¹⁸. Diante da diversidade de questões e das problemáticas que podem surgir, nos fixaremos no percurso cuja formulação inaugura o texto, percurso que conduz da crença à emoção, e que poderíamos qualificar como um percurso de “entimias”: “Depois dessa crença central [...], vinham as emoções [...]”. O “essa” anafórico retoma, na página precedente, “minha crença na riqueza filosófica, na beleza do livro que eu lia”. Ele instala o referente axiológico, simultaneamente cognitivo e estético, que é fundador do crer. Quanto à emoção, ela se manifesta em seguida e surge depois da crença.

Para que as condições dessa sobrevivência da emoção se tornem evidentes, propomos três conjuntos de observações acerca das operações do discurso que comandam os esquemas de categorizações: inicialmente, as operações geradas a partir da noção de imagem; em seguida, as correlações graduais entre ausência e presença tornadas possíveis pela imagem; enfim, as modalidades de assunção emocional. Em suma, competência, performance e sanção emocionais que sugerem um esquema entímico fundado na seleção de traços figurais (imagem perceptiva/imagem textual), na seleção do andamento (lento/acelerado), na seleção da intensidade (extensão/concentração)¹⁹.

A imagem e o simulacro

A imagem é o operador da emoção. Conceito decisivo que aqui tem um duplo campo de aplicação e um duplo alcance. De um lado, a imagem é comum à emoção experimentada no instante da percepção “real” e à emoção suscitada pela leitura; ela define a divisão e a comunicação entre o universo do sentido sensível e o universo do sentido linguageiro, que instala o significado tanto na percepção do mundo natural quanto na construção significativa da linguagem: “ver já é um ato de linguagem”, registrava Certeau em

¹⁸ Conferir, por exemplo, COQUET. *La quête du sens*. Paris: PUF, col. “Formes Sémiotiques”, 1997.

¹⁹ Referimo-nos aqui às categorias apresentadas e discutidas no âmbito do seminário sobre “Retórica tensiva”, as quais são capazes de articular as vertentes inteligível e sensível, interpretativa e emocional do *tropo*: a categoria ausência/presença e a categoria assunção/não assunção (considerado / não considerado), ambas determinadas pelas variações de intensidade e/ou de extensividade. As primeiras são várias vezes explicitamente manifestadas no texto: “a intensidade de nosso olhar”, “o estado, em que [...] toda emoção é decuplicada”, a explosão das alegrias e das tristezas “as mais intensas” na vida “Não seriam jamais reveladas, pois a lentidão com que se produzem nos veda a percepção”.

um comentário sobre Merleau-Ponty. Por outro lado, porém, a imagem traça a linha divisória indelével entre os dois regimes da emoção, um suscitado pela leitura e outro pela experiência e suas variações de intensidade. Desse modo, mas sem exaurir a teoria proustiana da imagem, relativa à mediação de dois universos sensíveis que assegura a contaminação de um pelo outro, pode-se facilmente aproximar essa noção da de simulacro em semiótica.

O simulacro refere-se inicialmente à cenografia da enunciação: o sujeito do discurso e os actantes da comunicação são manifestados como simulacros à medida que são reconstituíveis a partir das competências que se atribuem reciprocamente. Prolongando essa acepção, a semiótica das paixões desenvolve o conceito de simulacros “existenciais” próprios do imaginário passional: a palavra designa, então, as diferentes posições e os diferentes papéis actanciais que o sujeito passional projeta na cadeia discursiva, pelos quais ele “instala” as cenas e os cenários de seu imaginário e entra em inter-relação com eles. A comunicação passional é então concebida como uma interação entre simulacros: “cada um destina seu simulacro ao simulacro de outrem”²⁰. O locutor constrói seu discurso em função das “imagens” que faz de si próprio e de seu interlocutor, e que este último, fazendo-as paralelamente dele próprio e de seu parceiro, envia-lhe de volta.

O sentido da imagem nesse texto de Proust é exatamente este: ela é o material de mediação, de trânsito e de transferência do sentido, aquele que, por suas propriedades figurais “assimiláveis”, permite a incorporação sensível, a interiorização do “outro corpo” na experiência de nosso próprio corpo. É, portanto, pelo jogo alternativo e entrelaçado de simulacros que se constrói o inter-sujeito. O sentido obtido e assimilado é bi-valente e articula, ainda que diferentemente, tanto “os sentimentos e o infortúnio que nos fazem experimentar os personagens reais” quanto os que nossa “alma” assimila no momento da leitura. Essa bi-valência alicerça a distinção que se estabelece entre os dois regimes de funcionamento dos traços figurais selecionados e que são reformulados de um lado, em “partes impenetráveis” na experiência da realidade e, de outro, em “partes imateriais” no exercício da leitura. “O achado do romancista consistiu em ter tido a idéia de *substituir* as partes impenetráveis à alma (do personagem ‘real’) por uma quantidade igual de partes imateriais (do personagem de romance)”. Essa “substituição” poderia fazer supor que entre os dois há uma simples relação de substituição. Na realidade, porém, uma vez que a imagem é sua forma comum de significação, ela assegura a porosidade e a contaminação recíproca entre os dois universos durante a leitura (pode-se destacar como indício dessa capilaridade o próprio sintagma “*personagem real*”). Os conteúdos da percepção e os do livro sobrepõem-se, interpenetrando-se, e são co-presentes, aptos para sobrevir concorrentemente uns aos outros no discurso. Assim é, por exemplo, com as “lembranças de leitura”, em que o percurso de significação reconstituído por elas é aparentemente oposto ao da tese desenvolvida em nosso trecho. Longe de fazer desaparecer na lembrança os acontecimentos do mundo sensível, os quais interferem de forma inoportuna na sua execução (o convite para um jogo, o vôo de uma abelha, o chamado para o jantar que obriga levantar os olhos ou a deixar o livro), a leitura, ao contrário, grava em nós esses acontecimentos como “uma lembrança tão doce (tão mais preciosa ao nosso julgamento atual do que aquilo que então líamos com amor) que se nos acontece hoje de folhear esses livros de outrora”, é “com a esperança de ver refletidos em suas páginas as moradas e os lagos que não mais existem”²¹.

²⁰ GREIMAS & FONTANILLE. *Sémiotique des passions*, Paris: Seuil, 1993, p. 63

²¹ “Journées de lecture”. Pastiches et Mélanges. IN : *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, coll. “La Pleiade”, 1971, p. 160.

Ausência e presença: modos de existência

A imagem compreende, portanto, duas variedades “impenetráveis” e “imateriais” que opõem e associam os dois universos sensíveis. O que os distingue é o regime de seleção, de surgimento e de circulação dos traços que os constituem, isto é, precisamente, a relação que se instaura em cada um dos universos, entre “a noção total” e as “partes”. As operações podem ser, então, colocadas em oposição termo a termo. Elas determinam os percursos simétricos e inversos que assim poderíamos resumir: a noção total que temos do “personagem real” na percepção sensível autoriza a seleção de apenas uma “pequena parte” para a participação emocional; e, inversamente, a fragmentação das “partes imateriais” selecionadas pelo romancista é transformada pela leitura em um concentrado de “noção total” que convida à expansão, à “explosão” emocional. Na vida vivida, a percepção do todo obstrui a manifestação das partes, ao passo que a leitura, ao contrário, faz sentir na assimilação das partes — e precisamente graças à falta do figurativo, à sua imperfeição e à vacuidade que a escritura instaura — a iminência do todo.

Assim, além das relações formais entre o todo e as partes, pode-se considerar que são os regimes correlacionados de presença e ausência, cujos graus variam, que estão aqui implicados. A *plenitude* de presença fenomenológica na percepção sensível chama a ausência, ao passo que a ausência (o esvaziamento das partes) na leitura chama a plenitude da presença. De maneira comparável ao funcionamento dos tropos, quando enfocados como co-presença de conteúdos semânticos, são os diferentes modos de existência dos conteúdos que aqui estão em jogo na profundidade da textualização. Mas as variações de grau (conteúdos realizados ou atualizados, visualizados ou convocados à existência) são ampliadas para que o discurso possa ser apreendido globalmente. Assim, diferentemente do tropos, não se trata de uma coabitação conflituosa de conteúdos no interior de um paradigma, em que um é convocado a apresentar-se enquanto o outro é enviado à ausência; trata-se antes de um desenvolvimento sintagmático em que o realizado é chamado a virtualizar-se no modo extensivo (sem, contudo deixar de estar presente), e as formas virtuais, imagens ou partes imateriais, são convocadas a atualizar-se no modo intensivo (sem, contudo, modificar seu estatuto no que diz respeito à veridicção).

Chega-se, assim, ao enunciado de uma regra de correlação: à ausência que se atualiza (pela transparência dos traços “imateriais”) corresponde a presença que se virtualiza (pela opacidade, pelo “peso morto” da materialidade perceptiva). Duplo movimento no qual está em jogo a assunção emocional. Essa sistematização pode ser nuançada, mas o processo que se desenha surge precisamente como uma constante. Ele explica, por exemplo, o caráter “em parte intelectual” do “ato tão simples que chamamos ‘ver uma pessoa conhecida: preenchemos a aparência física do ser que vemos com todas as noções que temos a seu respeito; e, para o aspecto total que dele representamos, essas noções certamente contribuem com a maior parte’”²². A composição dessas “noções”, que formam igual número de esquemas de percepção e de representação, não constitui uma “síntese da perspectiva” da pessoa²³, isto é, “a imagem” no sentido que lhe dá Proust?

²² PROUST, Marcel. *Combray*, *op. cit.* p. 24

²³ Retomamos aqui os conceitos de esquema e de síntese de perspectiva (ou composição de esquemas) na fenomenologia da percepção em Husserl e em Merleau-Ponty. Ricoeur, em sua versão francesa das *Ideen de Husserl*, traduz *Abschaffung* por “esquema”, precisando que esse termo “propicia [...] a idéia de uma revelação fragmentária e progressiva da coisa”, ele a aproxima de “perfil, aspecto, perspectiva, toque” (*Idées directrices pour une phénoménologie*, Paris: Gallimard, 1950, p. 132). A animação ou a composição de esquemas impõe a unidade e a globalidade da coisa percebida.

A assunção

A assunção é a última etapa desse processo de “preenchimento”. Pode-se compreendê-la, em nossa perspectiva, como a operação pela qual o leitor faz suas as emoções das personagens, isto é, como o produto da *textualização*. A assunção conjuga o sujeito do discurso e o sujeito emocional ou, mais exatamente, assimila o primeiro ao segundo. A verdade do julgamento e do crer (o da crença inicial, no texto citado) dão lugar ao afloramento da emoção, momento extático da leitura, quando o interoceptivo cognitivo (a verdade “interior”) e o exteroceptivo (o real “exterior”) apagam-se em proveito exclusivo do proprioceptivo (o “experimentado”, entre a euforia e a disforia; esses “sentimentos que nos fazem experimentar a alegria e o infortúnio”...). Então, é a incorporação somática que dá testemunho do surgimento do sensível. O corpo, transcendendo as categorias veridictórias, dá sozinho a medida e a realidade da experiência. A ampliação da imagem, agenciamento das partes imateriais, deu nascimento às ações e às emoções desses “seres de uma nova espécie”, cuja validação suficiente consiste em reger os ritmos e as intensidades do próprio corpo. Ações e emoções “mantêm sob sua dependência [...] a velocidade de nossa respiração e a intensidade do nosso olhar”.

Dessa maneira, o texto articula uma verdadeira sintaxe da emoção à qual a definição proposta por Kant se aplica particularmente: “Sensação cujo encanto é motivado por uma interrupção momentânea, seguida de uma irrupção mais forte da força vital”. A emoção surge como uma espécie de núcleo sintagmático em estado puro, que garante o esquema da tensividade: o par tensão/relaxamento. É, no caso de uma metáfora, o brilho da imagem que surpreende, desloca e questiona as crenças ou saberes convencionados, brilho seguido de um desenvolvimento inferencial do sentido destinado a explicar o caráter enigmático da imagem. A tensão provoca a interrupção, ao passo que a resolução ou a distensão provocam a interrupção da interrupção, seu retorno ao movimento e novo desdobramento do sentido no sensível. Um novo desenvolvimento de mesma natureza é aqui objeto do parêntese final, intensificado pelo andamento acelerado (que pode ser aproximado da “condensação” do entimema), uma vez que é o próprio andamento que permite, a ele somente, a identificação e a sensibilização das mudanças de estados passionais, que de outro modo seriam diluídas — e tornadas imperceptíveis — no andamento lento da duração ordinária, no da vida real.

Assim, se podemos dizer que a adesão às emoções dos seres de linguagem durante a leitura do romance é mais intensa que a adesão aos seres da realidade, isso se deve à *falta* a ser preenchida: a reconstrução de significações ausentes pré-decupadas do tecido das figuras parciais — os simulacros figurativos — é, em virtude desse fato, não somente mais facilmente assimilável “à alma”; mas produz, sobretudo, a emergência de um sujeito tímico inédito, ao qual o andamento acelerado dá a experimentar as mudanças de estado que seriam inacessíveis (ou poupadas) em uma outra ordem da realidade sensível.

Ao longo deste estudo nosso objetivo foi estabelecer algumas pontes entre uma problemática central da retórica (o entimema) e uma questão semiótica em suspenso (a textualização) de maneira a esclarecer o que está em jogo em tal aproximação. Ora, pareceu-nos que o texto de Proust, verdadeira narrativa da leitura como atividade de textualização, enunciava e desenvolvia as condições de uma catálise particular, as da catálise figurativa que se liga à “imagem” e estrutura-se a partir dela. Por esse processo, a leitura entendida como ato de discurso integra “a entimia”: além da interpretação cognitiva, o enunciatário torna-se o centro organizador do campo emocional. É o que funda nossa hipótese de entimema figurativo. Percebem-se claramente os elementos que permitem justificar essa reaproximação:

de um lado, a co-presença das significações em jogo (cujos termos ocultos são reconstruídos por catálise) e, de outro, as operações efetivas do enunciatário (as quais definem as condições da adesão). Exatamente como o ouvinte dos entimemas da retórica clássica, o leitor tira do espaço carente de sentido o motivo de sua participação e de seu contentamento.